

OSMAN TRADUZIDO E TRADUTOR



MISSIVAS E A POLÍTICA DA TRADUÇÃO

MISSIVES AND TRANSLATION POLITICS

Cacio José Ferreira¹³¹

RESUMO: A tradução de *O urso polar e outras novelas* para o português, do escritor dinamarquês Henrik Pontoppidan, Nobel de Literatura em 1917, foi realizada por Osman Lins em 1963. Por outro lado, pensando em suas obras, elas foram traduzidas para a língua alemã, francesa, inglesa, espanhola, italiana e húngara. Por meio de cartas, antes de seu falecimento, Osman Lins visualizava o exercício do tradutor e, naturalmente, a tradução. No texto *Uma tradução indigna*, publicado no Suplemento Literário de *O Estado de São Paulo* em 1958, Osman Lins, ao criticar a tradução de *Os noivos*, de Alessandro Manzoni, realizada por Marina Guaspari e publicada pelos Irmãos Pongetti-Editores, Rio de Janeiro, questiona o que é uma tradução de qualidade: “Ora, o que é uma excelente tradução? (...) Não seria necessário definir tão evidente conceito, mas somos forçados a fazê-lo, para melhor argumentar. Não é uma tradução que transporte, com a máxima justeza possível, o texto original, sem mesmo ceder àquela tentação?” (LINS, 1958, p. 1). Assim, o que é ceder à tentação? Além da rigorosa composição textual, a obra osmaniana apresenta diversos elementos gráficos e políticos que dificultam a tradução. O presente artigo empreende, assim, uma reflexão sobre Osman Lins como escritor-tradutor e a política da tradução. Nessa perspectiva, será evidenciada a tradução de Osman Lins para outras línguas. Além disso, o percurso do pensamento político de Osman Lins em torno da tradução será debatido.

Palavras-chave: Osman Lins; *Nove, Novena*; Política da tradução; Arquivo literário de Osman Lins.

Abstract: The translation of *The Polar Bear and other novels* into Portuguese, by the Danish writer Henrik Pontoppidan, Nobel Prize for Literature in 1917 was carried out by Osman Lins in 1963. On the other hand, thinking of his works, they were translated into German, French, English, Spanish, Italian and Hungarian. Through letters, before his death, Osman Lins visualized the translator's exercise and, naturally, the translation. In the text *An unworthy translation*, published in the Literary Supplement of *O Estado de São Paulo* in 1958, Osman Lins, when criticizing the translation of *Os noivos*, by Alessandro Manzoni, performed by Marina Guaspari and published by Irmãos Pongetti-Editores, Rio de Janeiro, questions what a quality translation is: “Now what is an excellent translation? (...) It would not be necessary to define such an evident concept, but we are forced to do it, to better argue. Is it not a translation that transports, as accurately as possible, the original text, without even giving in to that temptation?” (LINS, 1958, p. 1). So what is giving in to temptation? In addition to the rigorous textual composition, the Osmanian work has several graphic and political elements that make translation difficult. Thus, this article undertakes a reflection on Osman Lins as a writer-translator and the politics of translation. In this perspective, the translation of Osman Lins into other languages will

¹³¹ Docente da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Contato: caciosan@ufam.edu.br.

be highlighted. Furthermore, the course of Osman Lins' political thought around translation will be debated.

Keywords: *Osman Lins; Nine, Novena; Translation Policy; Osman Lins Literary Archive.*

Diversas obras osmanianas foram traduzidas com acompanhamento direto do autor por meio de cartas e aconselhamentos. Outras traduções de sua produção literária foram realizadas depois de sua morte. Assim, esse artigo se debruça, no entanto, não apenas sobre o Osman Lins traduzido¹³², mas ainda sobre o Osman Lins tradutor.

A coletânea de narrativas *Nove, Novena*, publicada em 1966, e considerada por Osman Lins como um divisor de águas em sua literatura e na literatura brasileira¹³³, começou a ser traduzida cinco anos após a escritura. Segundo Roberto Mulinacci, essa obra é o “maior sucesso internacional do autor” (MULINACCI, 2014, p. 172). A primeira tradução para o francês, realizada por Maryvonne Lapouge, sob o título de *Retable de Sainte Joana Carolina*, surgiu em 1971. Em seguida, Marianne Jolowicz traduz para o alemão, em 1978, sob o título de *Verlorenes und Gefundenes*. As primeiras traduções foram acompanhadas atentamente por Osman Lins. De acordo com Graciela Cariello, a tradução do francês teve um olhar preciso do autor: “conhecia muito bem o francês e, mais do que nada, a literatura francesa era-lhe muito próxima” (CARIELLO, 2017, p. 21). Osman Lins procurava acompanhar sistematicamente a tradução, às vezes, sugerindo alterações.

Na tradução alemã *Verlorenes und Gefundenes*, Marianne Jolowicz mudou o título, aproveitando o nome de última narrativa de *Nove, Novena: Perdidos e Achados*. Entretanto, manteve a ordem de como apareceram na publicação original: *Der durchsichtige Vogel* (*O pássaro transparente*), *Ein Punkt im Kreis* (*Um ponto no círculo*), *Fünfeck um Lilli* (*Pentágono de Hahn*), *Die Verwirrten* (*Os confundidos*), *Altartafel für die heilige Joana Carolina* (*Retábulo de Santa Joana Carolina*), *Barocke Geschichte*

¹³² Centrando na obra *Nove, novena*, com remissões a *Avalovara* e *A Rainha dos Cárceres da Grécia*.

¹³³ Em 9 de outubro de 1966, em entrevista ao *Diário de Pernambuco*, argumentou que *Nove, novena* “é um livro realmente novo, não apenas em relação a minha obra anterior, mas em relação à própria literatura Brasileira (LINS, 1979, p. 141).

oder dreigeteilte Einheit (Conto Barroco ou Unidade Tripartita), Pastorale (Pastoral), Brautstand (Noivado) e Verlorenes und Gefundenes (Perdidos e Achados). Não há uma apresentação da obra, apenas uma pequena explicação na orelha:

Existem nove textos; uma “novena” é uma devoção de nove dias, prática de invocação do Espírito Santo. Osman Lins compreende seu empreendimento literário como uma novena, pois ele é um homem piedoso, que não pode ser facilmente compreendido. Lida com os vivos e os mortos, o mundo orgânico e inorgânico, e vê os protagonistas de cada narrativa como integrantes de uma cosmogonia e como manifestação dos mitos da humanidade¹³⁴. (Capa de *Verlorenes und Gefundenes*)

Osman Lins faleceu em 1978. Sete anos após a sua morte, *Kilenc és kilenced*, em 1985, surge como versão de *Nove, Novena* em húngaro, traduzido por Judit Xantus. Não foi possível acessar a versão húngara. Contudo, o pesquisador Ferenc Pál, no artigo *A imagem do Brasil e a literatura brasileira na Hungria*, assinala que

a edição de *Nove, novena* na Hungria revela certa perplexidade provocada por este câmbio de paradigma no gosto dos divulgadores. O autor do posfácio, ilustre János Benyhe (estudioso e tradutor), evoca, um tanto indeciso, a obra nordestina de Jorge Amado, a ambientação sulista de Veríssimo e as fortes cores mineiras de Guimarães Rosa, lamentando que “os enérgicos elementos linguísticos deste último faltem na obra de Osman Lins” (Benyhe, 1985, p. 211). Aqui aparece novamente, como referência, o elemento exótico, representado, neste caso, por Jorge Amado e Guimarães Rosa (PÁL, 2009, p. 42).

Na tentativa de conquistar o público, a crítica aproxima a obra de Osman Lins à de escritores brasileiros talvez já traduzidos naquele país. O texto osmaniano, de acordo com a citação mencionada, não era tão exótico quanto dos outros autores brasileiros citados, mas havia uma aproximação considerável.

¹³⁴ *Es sind neun (nove) Texte; eine >>Novene<< ist eine neuntägige Andacht, Einübung, Anrufung des Heiligen Geistes. Als Novene versteht Osman Lins seine literarische Unternehmung, denn er ist ein Mann der - nicht konfessionell zu verstehenden - Frömmigkeit. Sie umfaßt Lebende und Tote, organische und anorganische Welt, sie sieht die Protagonisten jeder Erzählung als Teile einer Kosmogonie und als Beispielfälle der Mythen der Menschheit.* Tradução nossa.

Nine, Novena, a versão em inglês, sob a tradução de Adria Frizzi, surge em 1995 e mantém a estrutura do original, até o mesmo título, *Nove, Novena*. A tradutora faz uma introdução sobre a ideia do escritor e os pontos que estão presentes em cada narrativa.

Nove, novena representa um ponto de mudança na obra de Osman Lins, o abandono de uma abordagem tradicional da literatura em favor da experimentação e um dos momentos mais inventivos da literatura brasileira moderna. A obra incorpora a perspectiva mítica e global de Lins sobre a existência humana na natureza, enquanto transmite uma intensidade lírica na visão expansiva e no rigor construtivo extremo dos nove textos que a compõem. Cada um tem uma configuração literária específica; no entanto, todos têm em comum uma série de estratégias que fazem parte de um programa narrativo preciso e unitário que contempla a aspiração de Osman Lins de re-inserir o homem no universo, com o qual teria perdido o contato¹³⁵ (FRIZZI, 1995, p. 8).

O público de língua inglesa já conhecia a obra de Osman Lins pela tradução de *Avalovara*, em 1979, por Gregory Rabassa. Assim, a introdução de Adria Frizzi deteve-se na obra *Nine, Novena*. Rabassa, à época da tradução, no artigo *Osman Lins and Avalovara: The Shape and Shaping of the Novel*, postula e apresenta a grandiosidade da escritura e o rigor literário osmanianos:

Um som é apenas uma onda silenciosa até o momento em que é ouvido, uma ponte é somente um conjunto de tábuas até ser atravessada, e assim, um romance nada mais é que uma compilação de palavras e argúcias até ser lido. Por alguma razão, os novos escritores latino-americanos são os que mais se aproximam dessa essencial compreensão da importância da criação coletiva na literatura, assim como em outras artes. Nenhum deles, no entanto, chegou tão perto de seu espantoso temor fundamental como fez Osman Lins¹³⁶ (RABASSA, 1979, p. 35).

¹³⁵ *Nine, novena* represents a turning point in Osman Lins's work, the relinquishment of a traditional approach to literature in favor of experimentation, and one of the most inventive moments in modern Brazilian literature. It embodies Lins's global, mythic perspective on human existence within nature, while conveying a lyrical intensity in the expansive vision and extreme constructive rigor of its nine component texts. Each has a specific literary configuration; nevertheless, all have in common a number of strategies that are part of a precise and unitary narrative program serving Osman Lins's aspiration to re-insert man into the universe with which he has lost touch. (FRIZZI, 1995, p. 8). Tradução nossa.

¹³⁶ *A sound is but a silent wave until it is heard, a bridge is but a set of planks until it is crossed, and so a novel is but a collection of words and devices until it is read. For some reason, the new Latin American writers are the ones who have come closest to this essential understanding of the importance of collective*

No caso da Itália, não chegou a haver a tradução do livro, mas tão somente da narrativa *Retábulo de Santa Joana Carolina* sob o título *Misteri di Santa Joana Carolina*, traduzido por Vincenzo Barca, nasce em 1999¹³⁷.

A tradução de *O urso polar e outras novelas*, do escritor dinamarquês Henrik Pontoppidan, Nobel de Literatura em 1917, realizada por Osman Lins em 1963, também assume importância e relevo dado o seu patamar de excelência.

No texto *Uma tradução indigna*, publicado no Suplemento Literário do *Estado de São Paulo*, em 1958, Osman Lins, ao criticar a tradução de *Os noivos*, de Alessandro Manzoni, realizada por Marina Guaspari e publicada pelos Irmãos Pongetti-Editores, Rio de Janeiro, colige, por meio de questionamentos, a definição do que seria uma excelente tradução.

Ora, o que é uma excelente tradução? Não seria necessário definir tão evidente conceito, mas somos forçados a fazê-lo, para melhor argumentar. Não é uma tradução que transporte, com a máxima justeza possível, o texto original, sem mesmo ceder àquela tentação, a que alude Paulo Rónai, de embelezar ou retificar o autor traduzido, colocando-se sempre o tradutor numa posição humilde, de fidelidade absoluta à letra e ao espírito da obra, regra que naturalmente se atenua em se tratando de poesia – tarefa, aliás, de discutível validade – e de cuja inflexível linha ninguém pode afastar-se? Como admitir então que se classifique de **excelente** um trabalho como o da sra. Marina Guaspari, onde essa fidelidade não existe e onde o belo texto de Manzoni, quebrada a sua força e vibração, eliminada a sua poesia e o seu calor, é debilitado em seus traços mais ricos e pessoais, com uma brutalidade implacável, de tudo nos restando apenas uma sombra? (LINS, 1958, p. I).

No questionamento de Lins, o tradutor não deve “ceder àquela tentação” de incorporar ou retirar elementos que não existem na obra traduzida; mas, sim, manter a

creation in literature the same as in the other arts. None, however, has come as close to its fearsome underlying awe as did Osman Lins. (RABASSA, 1979, p. 35). Tradução nossa.

¹³⁷ Segundo Roberto Mulinacci, lê-se na edição italiana de *Avalovara*, traduzida por Giuliana Segre Giorgi, em 1987, que “a belíssima coletânea de *Nove, novena* estava já vertida para o italiano” (MULINACCI, 2014, p. 173). Regina Igel, no livro *Osman Lins: uma biografia literária*, menciona um contrato para a publicação de *Nove, Novena* em italiano, no ano de 1974.

fidelidade, a força, a vibração e a poesia que constituem o texto traduzido. No livro *Terminologia da tradução*, por exemplo, o termo fidelidade é definido como “qualidade de uma <tradução> que, em função de sua finalidade, respeita o máximo possível o <sentido> atribuído ao <texto de partida> pelo <tradutor> e cuja formulação na <língua de chegada> está conforme o uso” (DELISLE; JAHNKE, CORNIER, 2013, p. 59). Nesse sentido, Paulo Rónai destaca que o tradutor precisa dominar bem a língua do original, visando a deslindar “as intenções ocultas do autor” (RÓNAI, 1976, p. 9). “[...] A arte do tradutor consiste justamente em saber quando pode verter e quando deve procurar equivalências” (RÓNAI, 1976, p. 10). Nesse sentido, Osman Lins preza por uma tradução muito próxima do original, contemplando principalmente a feitura do texto primeiro.

Em outra parte, Osman Lins complementa, por meio de uma exemplificação, que a tradução de qualidade contempla o texto original completo. Não deve ser fragmentada. A totalidade da escrita precisa ser respeitada. Há um consenso entre Osman e Rónai de que a tradução não deva suprimir tudo que não entende e nem amplificar e diluir as dificuldades. A “força”, a “vibração” e o calor da poesia devem ser mantidos no texto traduzido. Assim, explica Osman Lins:

O capítulo XXXI, por exemplo, onde descreve Alessandro Manzoni a propagação da peste que “invase e spopolò una bona parte d’Itália” e ao qual o romancista concedeu treze páginas e meia, foi reduzida, na mencionada tradução, a cinco! Seria impossível em simples artigo de jornal, dar uma demonstração precisa de excelentes qualidades de tradutor da sra. Marina Guaspari, pois para isto haveria que transcrever, no mínimo, toda uma verdadeira página de Manzoni e confrontá-la com a imitação nacional. Daremos apenas, a título de ilustração, umas poucas linhas da página 414, ainda alusivas à peste, em cuja descrição, como se sabe, o escritor italiano atinge uma eficácia impressionante e onde, em meio ao horror, não faltam os tons mais delicados, como neste pequeno trecho: “All’alba, a mezzogiorno, a sera, una campana del duomo dava il segno di recitare certe preci assegnate dall’arcivescovo: a quel tocco rispondevam le campane dell’altre chiese; a allora avreste veduto persone affacciarsi alle finestre, a pregare in comune; avreste sentito un bisbiglio di voci e di gemiti, che spirava una tristeza mista de qualche conforto”. “Ao alvorecer, ao meio-dia e ao crepúsculo, o som plangente dum sino de “Duomo”, ao que se uniam logo os das outras igrejas, dava sinal das preces prescritas pelo arcebispo”. E a sua falta de dignidade profissional lhe permite caprichos os mais gratuitos, como eliminar da tradução o último período de Manzoni, um período de

apenas três linhas, cuja omissão nem mesmo a extrema desculpa da economia de espaço – desculpa, afinal de contas, totalmente descabida – justificaria (LINS, 1958, p. I).

Osman Lins acredita que um item que favorece a boa tradução é o respeito ao autor e ao texto original. Além disso, também preza a manutenção de páginas, ao sugerir uma aparente manutenção da quantidade de páginas em relação ao original.

O livro traduzido por Osman Lins, *O urso polar e outras novelas*, possui quatro narrativas: *O urso polar*, *O visitante real*, *O Burgomestre Hoeck e a sua Mulher e Amor de Mocidade*. Nele, Osman preza pela manutenção dos nomes originais, fugindo da lógica daquela época: a domesticação de nomes e cidades. Percebe-se uma tentativa de fidelidade da tradução conforme defendida no ensaio *Uma tradução indigna* e escolha das palavras na tradução como aquelas arquitetadas em seus romances, conforme exemplo a seguir:

Pode-se dizer ainda que o pastor **Thorkild Asger Einar Frederik Müller** tinha nada menos de três côvados de altura, faltava-lhe um dedo na mão esquerda, tanto no verão como no inverno apresentando-se aos olhos do mundo nas mesmas vestes extraordinárias: um capote de pele de cachorro, roída pelos vermes, com capuz; calças de quadrados cizentos, metidas em enormes botas tresandando a gordura rançosa; um blusão de caça, abotoado, envolvendo seu tronco gigante. Mesmo em pleno inverno, não se decidia a operar a mínima mudança em seu equipamento. Quando estava frio a ponto de quebrar as pedras, contentava-se em enrolar o pescoço num cachecol de lã, com quadrados azuis e em tomar, numa caixa de rapé vermelha, que sempre trazia consigo e que chamava o seu “pequeno aquecedor”, uma pitada suplementar (PONTOPPIDAN, 1963, p. 88).

Acredita-se que a tradução foi realizada do francês para o português, sinalizando quase uma retradução. No entanto, Osman Lins possivelmente manuseou a obra em dinamarquês, provavelmente em busca de algum detalhe que pudesse ser acrescentado à tradução.

A supressão de partes do texto original na tradução leva a uma desqualificação da tradução ou a uma má tradução, segundo Osman Lins. Para Antonie Berman, em *A tradução e a letra ou o albergue do longínquo*, diversas tendências

corroboram para uma tradução equivocada, ou seja, aquela que descontroi a forma original. Para ele,

[...] a racionalização, a clarificação, o alongamento, o enobrecimento e a vulgarização, o empobrecimento qualitativo, empobrecimento quantitativo, a homogeneização, a destruição dos ritmos, a destruição das redes significantes subjacentes, a destruição dos sistematismos textuais, a destruição (ou a exotização) das redes de linguagens vernaculares, a destruição das locuções e idiosmas, o apagamento das superposições de línguas (BERMAN, 2007, p. 48).

Berman elenca diversas tendências que devem ser evitadas no momento da tradução. Não existe um manual na tradutologia que possibilite realizar perfeitamente a tarefa. Nesse caminho, a advertência de Lins em relação ao papel e à ética do tradutor, ao comentar a tradução de Marina Guaspari, não é só desalinho. Osman Lins também ‘defendia’ os tradutores infiéis ou descuidados. No artigo *Em defesa do tradutor, traidor e vítima* (1977), evidencia os caminhos que levam à má tradução: a improvisação, a má remuneração e a falta de investimento em uma nova tradução.

[...] não tenho a intenção de fazer-me advogado dos maus tradutores. Mas quem pode negar a incompetência de tantos responsáveis por traduções defeituosas, infiéis, e nas quais fica bem claro que o tradutor, se não conhece o idioma original da obra, muito menos conhece o nosso, sendo um exemplo da tendência brasileira para a improvisação, atesta igualmente as poucas luzes ou então a irresponsabilidade do editor? Não devemos esquecer, também, que esse trabalho nem sempre é bem remunerado e que o tradutor, muitas vezes, só aceita a incumbência por estar com a corda no pescoço, fazendo então o possível para concluir a tarefa antes que o laço aperte de vez. (LINS, 1979, p. 71)

Em correspondências com tradutores e editores, Osman Lins preocupava-se com o público leitor em relação ao entendimento da obra. Em uma carta reflexiva escrita a Pierre, mas não enviada, confabula a desvantagem da tradução do romance *O fiel e a pedra* depois de *Nove, novena*:

Pierre¹³⁸,

Segundo carta recebida de Mme. Genevieve Serreau, ainda não foi decidido se Lettres Nouvelles publicarão O fiel e a pedra. Diz-me, porém, que, caso decidam favoravelmente, a tradução deverá ser-lhe confiada. Palavras de Mme Serreau; “ Pour ce qui est du traducteur, il me paraît tout a fait souhaitable que Mr Carré se charge de la traduction de O fiel e a pedra”. Etc.

Esta parte, portanto, parece decidida. Resta, agora, o ponto principal, que é a decisão de Maurice Nadeau e da própria Genevieve Serreau.

Tenho pensado muito nesse caso e ocorrem-me, a respeito, algumas reflexões. Seria muito difícil, para mim, expressá-las em francês. Pensei, então, em escrever um comentário, no qual tentarei sintetizar o meu pensamento em relação ao assunto e que lhe peço traduzir, passando-o – por escrito – a Mme Serreau.

Parece-me justificado o receio de desconcertar e mesmo decepcionar o público francês, oferecendo-lhe, depois de Nove, Novena, livro já marcado por acentuada pesquisa formal, O fiel e a pedra, de fatura ainda tanto tradicional.

Apresentar, no entanto, apenas minha segunda fase – aquela que, libertando-me da subserviência à representação imediata do real, parte para a elaboração definitiva de um mundo próprio – seria falsear o fenômeno global da minha aventura como escritor. Ter-se-ia, de mim, uma ideia incorreta: a de um escritor que facilmente conquistou o mundo e métodos de expressão artística presentes em Nove, Novena. Minha trajetória como escritor, ao contrário, assemelha-se, guardadas as proporções, à de Joyce: ele chega a Ulisses depois de amadurecer a sua experiência literária nos contos de Dublinenses e no Retrato do artista quando jovem. Joyce, claro, será admirado por quem o conhecer apenas a partir do Ulisses. Muitos pontos deste livro, porém, adquirem significação à luz dos escritos anteriores. Problemas temáticos e linguísticos existem, em embrião, na parte “tradicional” da sua obra. E o conhecimento desta parte é parte indispensável a uma apreciação justa daquele admirável provedor.

Eu diria que, do ponto de vista da estrutura narrativa, existam, em O fiel e a pedra, embriões claros de Nove, Novena. Decorrem cerca de seis anos entre um livro e outro. Seis anos de mudanças, dramas pessoais e de meditação sobre o mundo e a obra de arte literária. Certas constantes temáticas, porém, certas obsessões despontam no romance: minha identificação com os mitos; a fascinação pela dualidade (Ascânio, em certa medida, é uma repetição de Bernardo); a busca e a imagem escondida no ancestral (Ascânio procurando uma fotografia da mãe morta); O segundo nascimento (esboçado, simbolicamente, nas cenas em que Bernardo cruza o rio a nado e na chegada de Ascânio ao engenho, numa tarde de chuva, e tema desenvolvido largamente no romance que ora escrevo; a descida aos infernos (a ida de Bernardo para o engenho é um mergulho no Hades, assim como representa esse mergulho grande parte da experiência de Joana Carolina, no Retábulo; e o sonho de Teresa com o filho, no cap. XLV, é, em proporções reduzidas, uma visita ao inferno); a destruição.

Mas, principalmente, aí está antes da transfiguração que o subverteria, uma extensa área do mundo por mim representado. Mundos entre os quais medeia – mantendo ainda, com um pouco de licença – o símile joyceano, a distância que existe entre o inglês do Portrait e o inglês do Ulisses. Assim como a expressão verbal de Joyce, em Dublinenses e no Portrait, é a matéria-prima, ainda não transfigurada, das obras ulteriores, o mundo de O fiel e a pedra é a matéria-prima, não transfigurada, do mundo de Nove, Novena e dos livros que ainda hei de escrever.

Tudo depende, então, do valor que G. Serreau e M. Nadeau atribuíam à minha obra já publicada e que ambos, suponho, admiram. Se o Retable lhes parece apenas um livro a mais,

¹³⁸ Arquivo IEB-USP, Fundo Osman Lins, código do documento: OL-RS-CA-0076. Esta carta não foi enviada e não tem local e nem data.

então não vejo como justificar a publicação, agora, do romance que o atende; mas se lhe parece ao contrário, uma realização digna de apreço, a publicação de O fiel e a pedra estará fundamentada e justificada.

O único problema, neste caso, seria a tradução e a publicação, após o Retable, de uma obra que lhe é anterior e que o prepara; no entanto, o interesse mesmo que o Retable parece ter despertado, justificaria, creio eu, a iniciativa: esta visaria a ajudar na compreensão do universo literário do autor. Uma nota informativa e explicativa dos editores, uma introdução do tradutor, uma entrevista bem conduzida na imprensa esclareceriam suficientemente o leitor interessado.

Depois, com a publicação do romance no qual trabalho atualmente, a imagem do escritor seria completada e atualizada; e retificados os possíveis erros de ótica.

Osman Lins não quer ser apenas traduzido e publicado, quer ser entendido como escritor que possui uma tradição e história de escrita literária. As reflexões em cartas ou ensaios reforçam a política do escritor no universo da tradução, mas sem estrelismo.

Em outra carta dirigida ao amigo Alex, no dia 3 de agosto de 1977, Osman Lins critica o encontro de Literatura Brasileira no exterior. Enxerga o encontro apenas como um evento comum e sem resultados práticos para os escritores brasileiros:

Estou¹³⁹ fora desse tal encontro de Literatura Brasileira. Convidaram umas pessoas para explicar-lhes que nossos escritores são ótimos e nossa literatura ainda melhor. Com isto, espera-se que os editores do exterior se interessem por nós. A iniciativa não é oficial, mas, naturalmente, há verbas oficiais nisso. Simultaneamente, veja, pelo recorte, o que acontece com escritores e livros, hoje no Brasil. Isso e outras coisas, como censura e a ausência de interesse real do governo pela cultura, não participar de jeito nenhum de promoções semelhantes. Acho tudo isso uma quermesse alegre ao lado do leprosário.

Também na mesma carta, retoma a questão de fidelidade da tradução ao mencionar o trabalho de Gregory Rabassa:

*O Rabassa¹⁴⁰, finalmente, resolveu meter as mãos à obra. (Aqui é mesmo “à obra”). Mandou-me novas páginas, que estou lendo minuciosamente. **Nada posso dizer do estilo do homem, da musicalidade da frase. Mas está fidelíssimo. Aqui e ali ele tropeça um pouco, mas é raro.** Parece que está fazendo o trabalho com grande cuidado. Mas também ele já viu que eu não deixo passar nada. Embora não fale inglês, muno-me do Webster (que, segundo já pude ver, é o principal utensílio do trabalho dele) e, enquanto outra pessoa lê para mim, passo um verdadeiro pente fino na sua tradução. Trabalho bem merecido, pois, segundo acabo de saber pela sua carta, trata-se de “um dos grandes livros de nossa época”, o que me deixa enfatuado*

¹³⁹ Arquivo IEB-USP, Fundo Osman Lins, código do documento: OL-RS-CA-0334.

¹⁴⁰ Arquivo IEB-USP, Fundo Osman Lins, código do documento: OL-RS-CA-0334.

a mais não poder. E bem preciso dessas injeções, pois vivo tendo acessos longos de incredulidade em mim mesmo, provocados principalmente por artigos laudatórios sobre livros e autores totalmente ineptos, o que me certifica de que é mais do que possível – mesmo através do julgamento de terceiros – um escritor iludir-se a respeito de seus méritos. O que me consola nesses casos é a certeza de que faço o melhor que posso. E que se a coisa presta ou não, afinal não é da minha conta e escapa a minha alçada.

Ainda na carta enviada a Alex, Osman Lins argumenta sobre a abertura de um escritório de publicidade com Julieta Godoy. Nela, a afirmação de que não é um bom negociante, mas bom escritor, evidencia que ele sabia do valor de sua obra, de como acessar o contato certo e do momento de oferecer a escritura à tradução.

Não¹⁴¹ sei se lhe disse que abrimos um escritório de publicidade. Associei-me a Julieta. Não trabalho. Sou capitalista, o suporte financeiro. A coisa vai indo mais ou menos bem e promete melhorar. Quando der lucro mesmo, veja que negócio, a Julieta me restitui o dinheiro que eu houver empregado e fica com o lucro todo para ela. A proposta, claro, é minha, por onde você vê que sou tão bom negociante como escritor.

Em 19 de janeiro de 1972, Osman Lins escreve à senhora Carmen Balcells, da Agência Literária Carmen Balcells, em Barcelona, e pergunta sobre a intenção de tradução de *Nove, Novena*. Para evidenciar o valor da obra, cita a tradução francesa e o artigo publicado na revista americana *Studies in Short Fiction* sobre as narrativas. No entanto, segundo consulta à professora Graciela Cariello, a tradução de *Nove, Novena* não foi relizada em espanhol ainda.

Cara amiga Carmen Balcells¹⁴²,

Não sei, realmente, se essa carta irá encontrá-la. Ignoro se permanece no endereço acima e se continua em seu trabalho de agente literária.

Volto a escrever-lhe sobre um dos meus livros, Nove, Novena. Acaba, após algumas dilações (a editora, embora com ótima reputação, parece não ter muito dinheiro) de sair, na França, na Coleção Lettres Nouvelles, que tem a direção de Maurice Nadeau.

Isto, possivelmente, modifica um pouco as coisas, aumentando as chances do livro junto aos editores estrangeiros. O título em francês é: Retable de Sainte Joana Carolina. Gostaria então de saber se, com isto, a senhora acaso se interessaria em voltar a trabalhar com esse meu livro.

Em qualquer hipótese, positiva ou negativa, rogaria que me respondesse. Em caso afirmativo, escreverei ao editor para que lhe envie um exemplar; e lhe remeterei, eu próprio, cópia de um importante artigo publicado no ano passado, em inglês, na revista americana

¹⁴¹ Arquivo IEB-USP, Fundo Osman Lins, código do documento: OL-RS-CA-0334.

¹⁴² Arquivo IEB-USP, Fundo Osman Lins, código do documento: OL-LIT-AV - 0002.

Studies in Short Fiction, a meu respeito e principalmente sobre as narrativas da mencionada obra.

Estou há dois anos trabalhando em um novo romance, mas deverei ainda trabalhar pelo menos um ano, antes de concluí-lo.

Muito afetosamente, seu amigo e admirador,

Portanto, traduzir a narrativa de Osman Lins movimenta uma vasta gama de elementos discursivos e símbolos alinhados ao que chamamos de “cosmogonia da linguagem”. Esse território aperspectivista, que funde homem e universo, enovela a tradução e suas veias. O tradutor-escritor envereda-se na escritura da tradução sem esquecer a poética que aquece a criação. Nesse modo de se pensar a tradução, Guimarães Rosa ilustra a ideia com a seguinte argumentação:

[...] Eu, quando escrevo um livro, vou fazendo como se estivesse “traduzindo”, de algum alto original, existente alhures, no mundo astral ou no “plano das ideias”, dos arquétipos, por exemplo. Nunca sei se estou acertando ou falhando, nessa “tradução”. Assim, quando me re-traduzem para outro idioma, nunca sei, também, em casos de divergências, se não foi o tradutor quem, de fato, acertou, restabelecendo a verdade do ‘original ideal’, que eu desvirtuara (ROSA apud BIZZARRI, 2003, p. 99).

Nessa vereda, conseqüentemente, o tradutor não deixa de ser um escritor que concretiza uma palavra de um novo mundo. A mão não é decepada na tradução, mas conduzida por caminhos bem delineados pela obra original. No entanto, esses caminhos exigem um equilíbrio, um manejo rigoroso para que as pegadas já postas na argila não desfaçam o contorno ali demarcado.

REFERÊNCIAS

BERMAN, Antoine. *A tradução e a letra ou o albergue do longínquo*. Trad. Marie-Hélène Catherine Torres, Mauri Furlan, Andréia Guerini. Rio de Janeiro: 7 Letras/PGET, 2007.

BIZZARRI, E. *João Guimarães Rosa: correspondência com seu tradutor italiano Edoardo Bizzarri*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.

CARIELLO, Graciela. Nove, novena no contexto da obra infinda de Osman Lins. In. HAZIN, Elizabeth; RAMÍREZ BARRETO, Francismar; BONFIM, Maria Aracy (orgs). *Números e nomes: o júbilo de escrever*. Brasília: Siglaviva, 2017.

DELISLE, Jean; JAHNKE, Hannelore Lee; CORNIER, Monique. *Terminologia da tradução*. Tradução: Aldo Faleiros e Claudia Xatara. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 2013.

HAZIN, Elizabeth; BARRETO, Francismar Ramírez; BONFIM, Maria Aracy. *Nove, novena: números e nomes*. Brasília: Siglaviva, 2017.

LINS, Osman. *Avalovara*. São Paulo: Summus Editorial, 1979.

LINS, Osman. *Do ideal e da glória: problemas inculturais brasileiros*. São Paulo: Summus, 1977.

LINS, Osman. *Evangelho na taba: outros problemas inculturais brasileiros*. São Paulo: Summus, 1979.

LINS, Osman. *Guerra sem testemunhas*. São Paulo: Letras e Artes, 1969.

LINS, Osman. *Lima Barreto e o Espaço romanesco*. São Paulo: Ática, 1976.

LINS, Osman. *Mistério das Figuras de Barro*. São Paulo, 1974.

LINS, Osman. *Nove, novena*. São Paulo: Martins, 1966.

LINS, Osman. “Retábulo de Santa Joana Carolina”. In: *Nove, novena*. São Paulo: Martins, 1966.

LINS, Osman. *O Fiel e a Pedra*. São Paulo: Summus, 1961.

LINS, Osman. *A Rainha dos Cárceres da Grécia*. São Paulo: Melhoramentos, 1976.

LINS, Osman. *Retábulo de Santa Joana Carolina*. São Paulo: Edições Loyola, 1991.

LINS, Osman. Tributo à Coleção Nobel. In: ANDRADE, Fábio (org.). *Problemas inculturais brasileiros – Do ideal e da Glória e Evangelho na Taba*. Recife, Editora UFPE, 2018.

LINS, Osman. *Uma tradução indigna*. In: Suplemento Literário do Estado de São Paulo. Ano II, N. 95, 23 Agosto, 1958, p. I

LINS, Osman. *Kilenc és kilenced Elbeszélések*. Trad. Xantus Judit. Budapest : Európa Könyvkiadó, 1985.

LINS, Osman. *Misteri di s. Joana Carolina*. Trad. Vincenzo Barca. Gênova: Marietti, 1999.

LINS, Osman. *Nine, Novena*. Trad. Adria Frizzi. Los Angels: Sun & Moon, 1995.

LINS, Osman. *Retable de sainte Joana Carolina*. Trad. Maryvonne Lapouge. Paris : Éditions Denoël, 1971.

LINS, Osman. *Verlorenes und Gefundenes*. Trad. Marianne Jolowicz. Frankfurt: der deutschen Ausgabe Suhrkamp, 1978.

MULINACCI, Roberto. *Traduzido e abandonado. Fortuna crítica e desfortuna de Osman Lins na Itália*. Brasília : Revista Cerrados, V. 23, N. 37, pp. 161-176.

PÁL, Ferenc. *A imagem do Brasil e a literatura brasileira na Hungria*. Revista Brasileira de Literatura Comparada, Volume 11, n.15, Niterói, Rio de Janeiro, Brasil, 2009, pp. 25-48.

PONTOPPIDAN, Henrik. *O urso polar e outras novelas*. Trad. Osman Lins. Rio de Janeiro: Editora Delta, 1963.

RABASSA, Gregory. *Osman Lins and Avalovara: The Shape and Shaping of the Novel*. World Literature Today Vol. 53, N. 1, Winter: Board of Regents of the University of Oklahoma, 1979, pp. 30-35.

RÓNAI, Paulo. *Escola de tradutores*. Rio de Janeiro: Educom, 1976.